

Bem-vindos, calouros!

Olavo Pires de Camargo^I
Luiz Eugenio Garcez Leme^{II}

Departamento de Ortopedia e Traumatologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP)

O início de cada ano letivo traz aos bancos escolares uma nova leva de “calouros”. São magníficas figuras, recém-egressas da vitória talvez mais importante de suas vidas até o momento; ao mesmo tempo orgulhosos e temerosos, entrando muitas vezes com um respeito quase religioso nos ambientes que daqui a poucos meses já olharão e comentarão com um estilo despreocupado e *blasé*.

A academia se beneficia enormemente desta renovação anual, que traz um ar novo e refrescante ao ambiente por vezes vicioso da universidade. Não é à toa que na língua inglesa os calouros são denominados “*freshmen*”.

No caso dos calouros de medicina, algumas questões e considerações podem ser interessantes. Por que alguém escolhe fazer o curso médico?

Em outras épocas, questões como remuneração, prestígio, antecedente familiar poderiam ser citadas entre as mais pre- valentes. Hoje em dia, a grande maioria da população já sabe que a remuneração dos médicos é totalmente desproporcionada à carga de trabalho e responsabilidade, e o número cada vez maior de escolas médicas de qualidade duvidosa, para dizer o mínimo, já se encarregou de levar o prestígio dos médicos a patamares nada invejáveis. Por que então ainda se quer fazer medicina?

Alguns talvez sejam estimulados pelo desafio de uma prova difícil, um vestibular disputado, pelo “será que eu consigo?” e outros, acreditemos, por um motivo que sempre moveu uma parte dos candidatos: idealismo.

Sim, meus amigos, não nos escandalizemos: uma parte dos alunos, e não pequena, ainda entra na escola médica com ideais de apreender medicina para ajudar os que sofrem, com o objetivo de curar quando possível, melhorar se possível e consolar sempre. O que infelizmente se observa, no entanto, é que esta carga de idealismo em muitos diminui progressivamente na medida em que avançam para os estágios hospitalares e a residência médica.¹

É evidente que não podemos entrar na atitude simplista de imaginar, numa crise de inocência iluminista e “Rousseauiana”

que o calouro é sempre bom, a universidade é que o deturpa”, mas o fato é que muito mais alunos têm ideais no início do que no fim do curso. O problema é que a perda dos ideais não representa apenas uma perda superficial, mas pode afetar toda a evolução do formando enquanto profissional e enquanto pessoa.

Em interessante artigo publicado no *The American Journal of Medicine* pela Association of Professors of Medicine, Shaywitz e Ausiello² afirmam que ideais como o alívio do sofrimento e a melhoria da qualidade de vida para toda a humanidade, medidos pelo voluntariado, serviço às populações carentes, e preocupação com a saúde da sociedade como um todo, são o que definem a ação médica que atrai os estudantes de medicina. Notemos que estamos nos referindo à realidade norte-americana, caracterizada frequentemente pelo pragmatismo. Será diferente conosco?

O ensino médico, em sua parte mais essencial, em seu “núcleo duro” não mudou radicalmente nos últimos milênios. Apesar de todos os avanços técnicos e pedagógicos, o ensino médico se dá por modelos. Temos a certeza de que cada um de nós poderia citar professores que serviram de modelo positivo ou negativo e que moldaram nosso modo de ser médicos e mesmo de ser pessoa. Só que, para a recepção desses modelos, é necessário o substrato de ideais; daí a gravidade da perda de ideais pelos participantes da comunidade de ensino-aprendizado, alunos e professores.

Existe ainda uma percepção totalmente equivocada de que bom conhecimento médico, habilidade diagnóstica e terapêutica são incompatíveis com valores como compaixão, solidariedade e autoadoção. Não faltam “heróis” médicos apresentados em séries de sucesso nas televisões, em que diagnósticos piro-técnicos e improváveis convivem com agressividade e cinismo constantes. Qualquer um de nós sabe que isso não é medicina. Não é, pelo menos, a medicina que queremos, nós médicos, que nos tratem e a nossos familiares.

A humanização no ensino médico é tão emergente que até os mais empedernidos burocratas já se deram conta. Como implantá-la?

^I Professor titular e chefe do Departamento de Ortopedia e Traumatologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP).

^{II} Professor associado, Departamento de Ortopedia e Traumatologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP).

O processo certamente passará pelo desenvolvimento de virtudes pessoais e o combate a vícios tão comuns como a arrogância, o cinismo e a indiferença, a começar pelos professores.

Os alunos recém-egressos poderão nos ajudar a lembrarmos de ideais que muitos já tivemos e que necessitam urgentemente ser reanimados.

Bem-vindos, calouros!

REFERÊNCIAS

1. Smith JK, Weaver DB. Capturing medical students' idealism. *Ann Fam Med.* 2006;4 Suppl 1:S32-7; discussion S58-60.
2. Shaywitz DA, Ausiello DA. Global health: a chance for Western physicians to give-and receive. *Am J Med.* 2002;113(4):354-7.

INFORMAÇÕES

Endereço para correspondência:

Olavo Pires de Camargo
Rua Barata Ribeiro, 490 – 3ª andar – conjunto 33
Bela Vista – São Paulo (SP)
CEP 01308-000
Tel. (11) 3123-5620
E-mail: olapcama@uol.com.br

Fonte de fomento: nenhuma declarada

Conflitos de interesse: nenhum declarado

Data de entrada: 3 de dezembro de 2010

Data da última modificação: 3 de dezembro de 2010

Data de aceitação: 16 de dezembro de 2010